

CULTURA E REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO MUNDO DA CIBERCULTURA

Alesandra de Jesus Silva¹

Resumo: Este artigo tematiza o conceito de cultura definido a partir do século XVIII. Procura compreender os diferentes significados atribuídos a palavra cultura ao longo da tradição, compreendendo o nascimento dos estudos culturais como a afirmação do caráter pluralista de cultura. Assim, no século XX, o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura comum, mas a disputa entre identidades. A emergência de um novo paradigma tecnológico eclode com força por todo o mundo e é necessário considerar as novas formas de pensar e difundir cultura, sendo a cibercultura uma ferramenta que vem influenciando as relações sociais de imersões e significações culturais através da representatividade, do ativismo político, de construção de significados transgressores, e do favorecimento de intercâmbios cultural. Por fim, analiso dois espaços/plataformas de afinidades centrados na representatividade e afirmação do empoderamento negro.

Palavras-Chave: Cultura; Estudos culturais; cibercultura; representatividade negra; empoderamento negro.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: cepa.alesandra@hotmail.com.

CULTURE AND BLACK REPRESENTATIVENESS IN THE CBERCULTURE WORLD

Abstract: This article thematizes the concept of culture defined from the eighteenth century. It seeks to understand the different meanings attributed to the word culture throughout the tradition, including the rising of cultural studies as the affirmation of the pluralistic character of culture. Thereby, in the twentieth century the focus is no longer the reconciliation of all, nor the struggle for a common culture, but the dispute among identities. The emergence of a new technological paradigm erupts strongly throughout the world and it is necessary to consider the new ways of thinking and spreading culture, with Cyberculture being a tool that has been influencing the social relations of immersions and cultural significations through representativeness, political activism, the construction of transgressive meanings, and the fostering of cultural exchanges. Finally, we analyze two affinity spaces/platforms focused on the representativeness of black empowerment.

Keywords: Culture. Cultural studies. Cyberculture. Black representativeness. Black empowerment.

Sobre os conceitos de cultura

As versões de cultura são definidas historicamente. É fundamental questionar o conceito proposto, procurando compreendê-lo a luz da sua história, seus modos de transformações e significados diversos, que perpassa épocas, não se prendendo a uma definição específica, principalmente em decorrência das viradas no pensamento cultural a partir do século XVIII. A palavra cultura, segundo Eagleton (2005) é considerada umas das mais complexas da língua inglesa e

deriva da palavra natureza. No sentido etimológico um dos significados originários de cultura é do latim *colere* que significa lavoura, cultivo, cuidado. Portanto, até o século XVI, cultura descreve as mais elevadas atividades humanas, do trabalho e da agricultura, da colheita e do cultivo. Cevasco relata que mudanças semânticas informam as intensas mudanças sociais no decorrer da história: As nuances de significado desses termos são vistas como um registro e uma reação às modificações sociais causadas pela Revolução Industrial e pela implantação de uma ordem capitalista hegemônica na Inglaterra a partir do século XVIII. (2008, p.14)

De acordo com Eagleton (2005) no âmbito dos seus diversos significados e desdobramentos semânticos, a palavra cultura fotografa a própria transição da humanidade de uma existência rural para uma existência urbana. Cultura passa a ser considerada civilização, civilidade, erudição, criação artística e modos de vida, designando o refinamento intelectual e espiritual de um grupo ou indivíduo num processo geral de progresso intelectual, espiritual, artístico e material, equiparados a bons costumes, boas maneiras e comportamento ético. Eis a primeira viragem cultural. A propósito dos significados de cultura, Eagleton refere:

Mas o desvio semântico é também paradoxal: são os habitantes da cidade que são “cultivados” e não os que vivem realmente da lavoura. Os que cultivam a terra são menos aptos para se cultivarem a si próprios. A agricultura não permite tempo livre para a cultura (2005, p.12).

Nesse sentido, as pessoas do campo e as que estavam ligadas diretamente ao trabalho e as atividades laborais, do

saber fazer, não estavam no rol dos civilizados, todas as pessoas que não eram civilizadas não tinham cultura, restringindo a cultura a uma minoria dominante que se considerava culta, pensante, erudita, especial. De acordo com Eagleton (2005), os franceses se julgavam detentores do monopólio da civilização, a qual incluía vida política, técnica e social enquanto a cultura alemã tinha uma conotação religiosa, artística e intelectual.

O fato é que ao longo do século XIX cultura passou a ter uma conotação imperialista. Eagleton (2005, p. 18) afirma que o Estado trabalha na sociedade através da cultura como uma espécie de pedagogia ética “libertando o eu individual ou coletivo que está dentro de cada um de nós, um eu que encontra a sua representação no domínio do Estado Universal”. Ainda segundo Eagleton (2005) a ideia de sermos homens primeiro para podermos ser cidadãos, considera a cultura superior que a política, significa que a política deve extrair recursos da cultura e formar indivíduos para serem cidadãos harmoniosos, responsáveis, éticos, domáveis, preparando homens e mulheres para a cidadania política, negando principalmente aos povos coloniais o direito a autodeterminação até serem civilizados para o exercício das suas responsabilidades.

Sobre esse respeito Cevasco assinala que:

“Cultura” e “civilização” são palavras a um só tempo descritivas (como em civilização asteca) e normativas: denotam o que é mais também o que devem ser (basta pensar no adjetivo civilizado e no seu posto “bárbaro”). No decorrer dos processos radicais de mudanças sociais da revolução industrial, foi ficando cada vez evidente que o tipo de desenvolvimento humano em curso em uma sociedade como a inglesa não era necessa-

riamente algo a ser recomendado. O fato de, em especial ao longo do século XIX, a palavra ter adquirido uma conotação imperialista (civilizar os bárbaros era um mote que justificava a conquista e exploração de outros povos) contribuiu para virada de sentido. (2008, p.10).

Na viragem do pensamento cultural no século XIX, cultura deixa de ser sinônimo e passa a ser antônimo de civilização. Cultura como posse de uma minoria, extremamente seletiva, para quais algumas culturas eram simplesmente superiores a outras, começa a desaparecer e a dar lugar ao seu uso no sentido antropológico da palavra, ou seja, cultura como modo de vida específico. De acordo com Eagleton (2005) a civilização é burguesa e a cultura é populista. Ocorre uma mudança no pensamento no final do século XIX e início do século XX, de cultura numa perspectiva singular para cultura numa lógica pluralizada, com a abertura das culturas não europeias em oposição ao eurocentrismo. O caráter crítico da idéia de cultura vai se reafirmando em um movimento encaixado por nacionalistas, esquerdistas e idealistas em nome da crítica romântica pré-marxista. Para Eagleton:

Nascido em pleno iluminismo, o conceito de cultura ataca agora, com edipiana ferocidade, os seus progenitores. A civilização era abstracta, alienada, fragmentada, mecânica, utilitária, escrava de uma fé cega no progresso material: a cultura em contrapartida, era considerada holística, orgânica, sensível, autotélica, evocativa. O conflito entre cultura e civilização fazia, assim, parte de um declarado debate entre tradição e modernidade (2005, p.23).

Os Estudos Culturais surgem na Inglaterra em 1950 no decorrer deste momento sócio-histórico, marcado pela consolidação do progresso científico e tecnológico, que se espalharam por outros países da Europa como França e Alemanha. Muitas descobertas forma importantes para alavancar esse progresso, entre elas os meios de comunicação (telégrafo, telefone, televisão, cinema e rádio). Esse conjunto de mudanças e invenções revolucionou a vida social e econômica das pessoas, ao mesmo tempo em que o progresso e o conforto se tornam favoráveis, por outro lado as condições de trabalho dos operários eram precárias, inseguras, injustas e desiguais, dando espaço para o surgimento de lutas e sindicatos em defesa aos direitos dos trabalhadores. Com efeito, os Estudos Culturais nascem desse conflito de classes e de consolidação do capitalismo industrial, e afirmam o caráter pluralista da cultura, seus percussores com respectivos livros fundantes da nova disciplina são Raymond Williams com *Culture and Society, 1780-1950* (1958), Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957) e Edward P. Thompson com *Making of the English Working Class* (1963). Sendo assim, incluem os estudos da cultura popular e os cotidianos de vida e um novo modo de perceber a considerada alta cultura.

Portanto, os estudos culturais surgem num movimento marginal, não dentro das universidades consagradas da época, mas, a partir da necessidade política de uma classe de trabalhadores recém saídos da Segunda Guerra Mundial, e, portanto, privados de oportunidades em educação e de participação dos diversos âmbitos sociais. Os criadores dos estudos culturais Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson foram professores da *Workers' Educational Association* (WEA), uma organização de esquerda de educação para trabalhadores. De acordo com Cevalco (2008) foi neste ambiente muito mais de intervenção política do que de profissão que surge às primeiras concepções de cultura voltada para a solidariedade, para o bem comum da sociedade, para

inclusão da classe trabalhadora através de uma educação pública de qualidade e igualitária, em contraposição aos esforços elitistas da cultura da minoria que vigoravam nas grandes universidades do século XIX.

“A cultura é de todos”, assevera Raymond Williams (1958), que considera a cultura comum a toda sociedade, além das grandes obras que para ele deve ser difundida e facilitada o acesso através da educação a fim de abrir a possibilidade para que todos detenham o poder e interpretem os signos e significados e formas de organização da cultura, a cultura abrange os princípios de organização da vida social. Para Williams as ideias coletivas de desenvolvimento social como os sindicatos, partidos políticos, movimentos cooperativos são uma realização da criatividade humana, portanto é cultura.

Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para o outro sentido, mas insisto nos dois, e na importância de sua conjunção. As perguntas que faço sobre nossa cultura são perguntas referentes aos nossos propósitos gerais e comuns e, mesmo assim, são perguntas sobre sentidos pessoais profundos. A cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar (WILLIAMS, 1958, p.1).

De acordo com Cevasco (2008, p. 23), Raymond Williams traz ao debate a concepção materialista de cultura, em que os bens culturais são resultados dos meios materiais de produção, indo desde a linguagem até aos meios eletrônicos

de comunicação, que concretizam relações sociais complexas, envolvendo instituições, convenções e formas. Portanto, definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida, é “ver como a cultura mais do que um mero efeito da superestrutura, é um elemento fundamental na organização da sociedade e, portanto, um campo importante na luta para modificar essa organização” (CEVASCO 2008, p. 111).

A partir da década de 60 ocorre outra viragem cultural, uma década que se apresentou com novas concepções de vida focada na importância da liberdade, no multiculturalismo, na teoria estruturalista e pós-estruturalista, na eclosão da reprodutibilidade técnica através do avanço dos processos eletrônicos digitais de produção de conhecimento científico, artístico, tecnológico e cultural, bem como um mundo conectado com os meios de comunicação de massa, que acabam como diz Cevasco (2008) por enfraquecer um projeto coletivo de mudança social, o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura comum, mas a disputa entre identidades, reduzida agora a uma prática cultural em defesa do particularismo e diferenças culturais.

De acordo com Hall (2003), os estudos culturais tiveram inúmeras interrupções externas nos trabalhos teóricos do *Centre for Contemporary Cultural Studies* que abalaram, interromperam, criaram verdadeiras rupturas e contribuíram para o avanço teórico e político dos trabalhos culturalistas. O estruturalismo traz para o bojo das discussões uma teoria que põe em xeque a experiência sem mediação, o teórico mais influente foi o marxista Louis Althusser, que defendia que os seres humanos não são sujeitos dos processos sociais, mas efeitos ou sintomas de hierarquias estruturais. Hall (2003) elenca os avanços teóricos decorrentes dos encontros com o trabalho estruturalista, semiótico e pós-estruturalista:

A importância crucial da linguagem e da metáfora lingüística para qualquer estudo da cultura; a expansão da noção

do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no encerramento arbitrário da semiose infinita para além do significado; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação, como local de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade. (HALL, 2003, p. 211)

O multiculturalismo, explica Bordini (2006) é um fenômeno Centro que se estende pelo mundo ocidental de origem influente norte americana e nasce especialmente nos Estados Unidos, sua ascensão deriva das condições históricas da formação da sociedade norte-americana, tem como ideal difundir a cultura não como um todo unitário, mas com manifestações autônomas e específicas geradas por diversos grupos que formam a sociedade, capazes de ultrapassar fronteiras nacionais e regionais, ressalta as diferenças e a coexistência pacífica dessas diferenças sem perder sua identidade e características próprias. Para Mignolo (2008) o multiculturalismo fomenta políticas de identidade em busca de ações afirmativas, mas reforçam posições fundamentalistas e essencialistas na construção de uma identidade “natural” do mundo.

Hall (2003) elege duas importantes interrupções que na década de 70 e 80 foram específicas e decisivas para reorganizar o campo de maneira concreta, mudando o objeto de estudo nos estudos culturais de forma revolucionária em termos teóricos e práticos. Hall (2003, p. 208) diz que a intervenção feminista “chegou como um ladrão á noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o

momento, cagou na mesa dos estudos culturais” e trouxe com ela a abertura da questão que o “pessoal é político”, a expansão radical da noção de poder até então aplicada ao domínio público, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder, o retorno das questões do sujeito e da subjetividade, a reabertura da fronteira fechada através da psicanálise.

A outra intervenção que invadiu os debates no Centro foi a das questões de raça mobilizada por um movimento negro insatisfeito com as suas condições estruturais, sociais, econômicas e com a ideologia racista dominante. Hall (2003, p.210) representou uma virada decisiva no trabalho intelectual e teórico, colocando na agenda questões críticas de raça e política cultural, a política racial, a resistência ao racismo, a importância de pensar a especificidade da opressão de raça no contexto da crise geral da sociedade que alteraria as outras relações.

Esse período histórico específico que explode a partir da década de 60, chamado de pós-modernidade, é caracterizado por Eagleton (1998, p. 7) como uma forma de cultura contemporânea que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, progresso ou emancipação universal. Vê o mundo como diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunidas, gerando um grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade. Essa maneira de conceber o mundo emerge de uma nova forma de capitalismo, para um mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural. Triunfa a indústria de serviços, finanças e informação sobre a produção tradicional, há uma queda na política clássica de classe para as políticas de identidade, não existem fronteiras entre cultura elitista e cultura popular, entre arte e experiência. A arte é superficial, descentrada, divertida, eclética e pluralista.

A cibercultura e a nova forma da representatividade negra

Considerando esse novo paradigma social que emerge gradualmente há duas décadas e toma forma na década de 60 eclodindo com força total por todo mundo é necessário considerar as novas formas de ser e difundir cultura. Associado por Castells (2013) como a emergência de um novo paradigma tecnológico, baseados na tecnologia de comunicação e informação, em que a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, envolve e integra bens, serviços, capital, comunicação, informação, ciência, tecnologia, cultura, a um processo chamado de globalização, difundindo-se por todo o mundo, mas não incluindo todas as pessoas, excluindo maior parte da humanidade, embora sejamos afetados todos pela sua lógica e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social.

A cultura contemporânea está marcada pelas tecnologias digitais a chamada cultura digital ou cibercultura, uma nova ferramenta que vem se desenvolvendo nos últimos anos e está no cotidiano das pessoas influenciando as relações sociais, cheias de significações e imersões culturais. As comunidades alternativas de cultura circulam nas redes sociais as quais se tornam lugares de representatividade, de ativismo político, de construção de significados transgressores, e do favorecimento de intercâmbios culturais.

Para Levy (1999, p.17), o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, o termo abriga não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas todo o universo de informações, assim como o mundo de pessoas que navega e alimenta esse universo em tempo real, a cibercultura abrange as práticas, atitudes, modos de pensar, valores, ideias que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Em complemento, Pierry Levi (2000) percebe o ciberespaço ou

cibercultura como um processo metaevolutivo, que integra todas as mídias como a escrita, o alfabeto, a televisão, o rádio, cinema, imprensa, assim como todas as melhorias de comunicação, todos os mecanismos que foram projetados e criados para reproduzir signos e significados, se constituindo em um metameio.

Dessa forma, o ciberespaço, de acordo com Levi (2000), ocasiona uma nova configuração de larga escala de comunicação possibilitando e intensificando a interatividade “muitos para muitos”, permitindo não apenas a comunicação “um para um”, ou “um para muitos”, mas a articulação entre os três modos comunicativos o que incentiva a formação da inteligência alternativa, que não é fixa ou automatizada, mas modificada, transformada, transgredida, estabelecida em tempo real e distribuída por toda parte em tempo real. As relações são estabelecidas através da informação e da capacidade de processamento e produção de conhecimentos e os mecanismos de interligação através da hipertextualidade proporcionam uma leitura não linear, permite a pluralidade, a quebra de fronteiras, abarca e integra todas as formas de expressão, as diversidades de interesses, valores e conflitos.

Para Lopes (2010) a cultura digital ou cibercultura envolve modos de ação e de pensar específicos que são colaborativos, participativos, interativos, dinâmicos, possibilitando discursos inovadores, desestruturadores e inesperados, discursos cruciais que podem colaborar para mudanças sociais futuras. Somos construtores dessa cultura digital, convivemos em uma geração de múltiplas interfaces digitais, com um *smartphone* na palma das mãos podemos sem cartão do banco sacar dinheiro em caixa eletrônico, usá-lo controlando a reprodução do conteúdo da TV sem o controle remoto, medir velocidades, controlar a saúde, monitorar atividades físicas, monitorar o deslocamento, medir distâncias, tudo isso através de aplicativos em que muitos deles são gratuito, podemos produzir vídeos, fazer marketing digital, acessar

redes sociais e manter relações virtuais, trocar informações, produzir conteúdos diversos nas páginas da internet.

A cibercultura, segundo Lopes (2010), configura-se como alternativas para a vida social como uma prática de ação sociopolítica, potencializa as relações, possibilita a participação do ativismo político sem precisar sair de casa, muitas vezes distantes da vigilância institucional e convida a co-participação da vida de pessoas desconhecidas, a representatividade cultural, desarticulando concepções de mundo e ideologias limitadas.

São inúmeras diferenças como identidades, culturas, raças, gêneros e orientações sexuais, diferentes formas de ser, estar, viver, representar, diferentes visões de mundo, de sonhos, desejos e imaginação que circulam nas redes sociais e ultrapassam os muros das instituições políticas, econômicas e sociais que em outra hora eram as principais responsáveis por abarcar e transmitir cultura. A internet deixa de ser vista como o lugar onde apenas se busca informações e passa a ser também um lugar de construção, disputa, contestação, nos colocando frente a frente com a alteridade e a politização da vida social, funcionando como linha de fuga para os discursos e representações homogeneizadoras.

Portanto, a tecnologia não está a favor apenas das grandes empresas e instituições, ela também está a serviço politicamente dos sujeitos, que estão às margens sociais, os quais de acordo com Lopes (2010) podem transgredir significados compreendidos como legítimos e cristalizados, construindo contra-narrativas, intensificando as relações sociais, num espaço de afinidades comuns, em que não há separação entre produtor e consumidor, a ação é conjunta, em que cada indivíduo defende seu ponto de vista, se sente representado, apresenta modos de ser e agir no mundo e constroem colaborativamente significados. Assim, a cibercultura instaura um novo *locus* às chamadas subpolíticas por meio da representatividade e do ativismo político em que temas são discu-

tidos nas redes sociais ultrapassando os movimentos sociais, e se multiplicam nas telas do computador mediados por instrumentos multimodais como textos, imagens, vídeos, sons, ultrapassando os limites da política oficial tradicional.

Em se tratando de representatividade negra, é reduzido o espaço dado aos negros na TV, na mídia e no mercado publicitário, os negros são procurados para fazer comerciais pontuais, a ausência dessa representação se deve a rejeição de uma sociedade com padrões eurocêntricos enraizados, em que a TV reforça estereótipos brancos comprovando a sensação do não pertencimento da população negra que não é representada. A não representatividade negra na mídia ainda é justificada pela falta de profissionais capacitados, o que diferentemente é visto no teatro, que conta com uma grande representatividade de negros atuando ativamente.

Ao analisar alguns espaços de afinidade que retratam a representatividade negra em suas páginas de entretenimento e conversação percebe-se que muitas pessoas negras se reconhecem, se encontram, se identificam, estão sendo lidas, ouvidas e vistas, reforçando lutas de existência e resistência, pessoas negras seguem pessoas negras, ampliando a discussão para a sociedade como um todo, tendo como objetivo atacar o cerne do racismo estrutural, como num movimento intitulado de “*black twitter*”.

No blog *Negra Rosa*, os mais variados assuntos são debatidos, criado em 2010 pela blogueira Rosângela J. Silva com o objetivo de compartilhar com mulheres negras itens e dicas de beleza específica para tom de pele e cabelos, possibilitando o crescimento da autoestima de mulheres negras. Neste blog é comercializado produtos de cabelo e maquiagem para os diversos tons de pele negra e cabelos crespos, inclusive com criação exclusiva da marca *Negra Rosa*, ampliando as possibilidades de empreendedorismo. O *blog* esclarece sobre o uso desses cosméticos, dá dicas de penteados, cores de esmaltes, *looks*, tranças africanas, cabelo sintético,

turbantes. Além disso, propõe uma discussão sobre cultura negra, negritude, empoderamento da mulher negra, disponíveis em outras plataformas digitais como o *Facebook* e *Instagram*. A comunidade negra ao se identificar e se reconhecer no conteúdo que é vinculado e abordado assume fidelidade com as discussões e os produtos que são comercializados na página.

O *Blogueiras Negras* é um site colaborativo cujo principal interesse é ser uma plataforma de publicação para autoras negras, coordenado por mulheres em que atualmente estão à frente Charô Nunes e Larissa Santiago ambas feministas negras, interseccional, militantes, e trabalham com comunicação em espaços virtuais principalmente com o *Blogueiras Negras*. O grupo de escritoras e criadoras do *blog* é composta exclusivamente por mulheres negras em que o foco esta na criação de conteúdos direcionado ao empoderamento e a visibilidade de historias que não são contadas em outros espaços. As blogueiras negras de definem como um espaço onde mulheres negras são acolhidas por outras mulheres negras para difundir sua historia ao mundo visando a emancipação através também de parcerias com empresas que não veiculam propagandas machistas, racistas, sexistas ou LGBTfóbicas. Nesse espaço é possível participar de grupo de discussão, contar com uma equipe dinâmica de autoras e facilitadoras privilegiando o feminismo negro e assuntos que dizem respeito a negritude e seu desdobramento. A agenda é aberta para discussão e publicação, bastando enviar o tema escolhido e e-mail e o texto acompanhado de uma breve descrição pessoal. Vários temas são discutidos no *blog* como cotidiano, identidade, preconceito, infância, juventude, religião, educação, violência, política, resistência, feminismo, saúde, beleza, corpo, sexualidade, relações interpessoais, moda, esporte, urbanidade, trabalho e cultura.

Assim, nas redes sociais essa invisibilidade negra está sendo substituída fortemente pela representatividade, nela

não cabe o padrão dominante da distribuição de informação, há uma maior representatividade estética, artística, corporal e cultural, bem como uma variedade de sites e espaços de afinidades que discutem e transformam as redes sociais em arenas de conflitos nas quais se divergem opiniões, ideologias extremas, crenças diversas e valorização e encontros de pontos de vista em comum.

Considerações finais

O conceito de cultura sofre modificações e significações históricas em decorrência das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais na sociedade mundial. Os estudos culturais ao nascer dos conflitos de classe gerados principalmente pela consolidação do capitalismo industrial, seus críticos que defendiam cultura como um bem comum da sociedade avançam nos estudos a partir das intervenções feministas e do movimento negro para a luta e defesa das identidades e diferenças culturais de gênero, raça, sexualidade e a compreensão do discurso e das relações e estruturas de poder.

Na cultura contemporânea, marcada principalmente pelas tecnologias digitais, a representatividade negra é difundida na cibercultura e contribui para romper com as imagens negativas criadas por diferentes meios de comunicação contra os negros. As plataformas digitais de representatividade negra e os conteúdos informacionais vinculados através de textos, imagens, vídeos e produtos são também letramentos digitais que ampliam o acesso a informações sobre a cultura afro-brasileira desmitificando equívocos e favorecendo as relações étnico-raciais, bem como o ativismo político, o fortalecimento e o empoderamento da população negra através do levantamento das suas pautas e do uso da tecnologia a seu favor.

Referências

ROSANGELA. *Blog negra rosa*. Disponível em: www.negrarosa.com.br. Acesso em 20/08/2018.

RAVELLI, Alexandra et al. *Blogueiras negras*. Informação para fazer a cabeça. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em 20/08/2018.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.41, p.11-22, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação - economia, sociedade e cultura*. Vol. I. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEVASCO, Maria Eliza. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. *As dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

EAGLEATON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *A idéia de cultura*. São Paulo, UNESP, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. O futuro do pensamento da Era da Informática. São Paulo: Ed.34, 1993.

_____. *O ciberespaço como um passo metaevolutivo*. Revista Famecos. Porto Alegre. n.13. dezembro, 2000, semestral. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3081/2357>.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de letras da UFF – dossiê: literatura, língua e identidade, n.34, p.287-324, 2008.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 49(2), 393-417, 2010.

SIMÕES, Isabela de Araujo Garcia. *A Sociedade em Rede e a Cibercultura*: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Revista Eletrônica Temática*. Ano V, n. 05 – Maio 2009. Acesso em 14 jul. 2018.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos* (Culture is ordinary) 1958. Trad. Maria Elisa Cevalco, disponível em: <https://artenocampo.files.wordpress.com/2014/10/a-cultura-c3a9-de-todos-r-williams.doc>. Acesso em 25/08/2018.

_____. *Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

[Recebido: 17 nov. 2018 — Aceito: 06 jun. 2019]